



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

A AUTOFICÇÃO DE SHIMAMANDA ADICHIE EM HIBISCO ROXO

Autores: NATÁLIA DE JESUS OLIVEIRA, TELMA BORGES DA SILVA

Introdução

O romance *Hibisco Roxo*, de Chimamanda Adichie, narra em *media res* os momentos agônicos na vida de uma família de classe média alta, os quais antecedem a morte do violento patriarca Eugene, lentamente envenenado pela esposa, que é inocentada porque o filho assume o assassinato paterno. No intervalo entre a primeira e a última cena – uma família que regressa da missa e as visitas da mãe e da irmã a Jaja na cadeia – o leitor é inserido no contexto de uma Nigéria tensionada entre o sistema colonial europeu e cristão e os valores tradicionais primitivos e pagãos, principalmente representados pela etnia Igbo. Enugu e Nsukka são os principais espaços onde a trama se desenvolve. Na primeira, vive a família rica da narradora; na segunda, a família pobre de tia Ifeoma, irmã de Eugene. O objetivo deste trabalho é analisar o livro *Hibisco Roxo*, buscando aspectos dessa história que tenham uma correlação com a vida real da autora, trazendo a partir disso o conceito de autoficção.

Material e métodos

Para cumprir os objetivos propostos, esta pesquisa, de caráter bibliográfico e de cunho descritivo-analítico-interpretativo, toma como objeto o livro *Hibisco Roxo*, fazendo um recorte a partir das possíveis relações entre aspectos da vida da autora a atuação de suas personagens. Ao vazar o discurso ficcional com elementos de sua história de vida, Chimamanda chama a atenção para o conceito de autoficção, termo cunhado em 1977 por Serge Doubrovky, ao fazer referência ao seu romance *films*. Para o autor, a autoficção é a combinação de dois estilos contrapostos: a autobiografia e a ficção. Em razão disso, o pacto que o leitor estabelece com o texto é oximórico (JACCOMARD, 1993), já que o princípio de veracidade, próprio do pacto autobiográfico, é rompido sem que, no entanto, haja adesão ao princípio da invenção, próprio do pacto romanesco. Ao contrário do movimento autobiográfico, que ocorre da vida para o texto, a autoficção ocorre do texto para a vida. Nesse caso, o texto literário estará sempre em primeiro plano, ainda que a autora queira chamar a atenção para si.

Resultados e discussão

Shimamanda espalha várias pistas sobre si ao longo do livro, desde episódios de sua vida, nomes de pessoas e espaços, como o *campus* universitário de Nsukka onde trabalharam seu pai, como professor, e sua mãe como administradora, a senhora Grace Ifeoma Adichie, cujo segundo nome coincide com o de sua personagem mais forte na narrativa, aquela que ocupa o lugar vazio do pai, se observarmos a estrutura binária montada pela autora para sua narrativa, e que enfrenta Eugene em pé de igualdade, fazendo ruir seu império familiar: tia Ifeoma. Outro aspecto é que, assim como Chimamanda, Kambili escreve e a escrita é a forma de as duas expressarem sua conscientização para o perigo de se ver o mundo a partir de um único ponto de vista. Há em Amaka um pouco de sua autora: ambas vão estudar nos EUA. Shimamanda devido a uma bolsa de estudos; sua personagem em razão de a mãe ter imigrado para aquele país.

Ademais, gostaríamos de destacar que a escritora reconhece que o discurso único a impedia de escrever uma literatura que pudesse falar de negros nigerianos como personagens, como demonstra no excerto a seguir:

A meu ver, o que isso demonstra é como nós somos impressionáveis e vulneráveis em face de uma história, principalmente quando somos crianças. Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Bem, as coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de encontrar quanto os livros estrangeiros, mas devido a escritores como Chinua Achebe e Camara Laye eu passei por uma mudança mental em minha percepção da literatura. Eu percebi que pessoas como eu, meninas com a pele da cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos-de-cavalo, também podiam existir na literatura. Eu comecei a escrever sobre coisas que eu reconhecia. (ADICHIE, s. d., s. p.)

Há entre a personagem e sua autora o fato comum de descobrirem que uma visão única sobre a história resulta numa visão única e perigosa do mundo e essa descoberta de que o mundo não pode ser percebido por uma ótica unitária as leva a escreverem e fazerem da escrita uma prática capaz de resistência e denúncia contra visões estereotipadas de gentes, culturas, modos de vida, etc.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Conclusão/Conclusões/Considerações finais

No trânsito entre Enugu e Nsukka, a narradora-personagem Kambili e seu irmão Jaja descobrem o valor da palavra, que nunca lhes fora permitida na casa paterna. O reconhecimento das diferenças material, ideológica e religiosa entre a família da tia e sua própria família (tabela 1) faz com que os irmãos adolescentes principiarem um processo de inversão consciente de estruturas que subsidiam o supostamente forte alicerce familiar encarnado na figura paterna. Ao escrever, tanto Kambili quanto Adichie associa literatura e vida, desembocando no que chamamos de autoficção. É um modo autoconsciente de criação pelo viés da escrita de si, marca evidente na narrativa da autora nigeriana.

Agradecimentos

Agradecemos à Unimontes, pelo apoio logístico, e ao CNPq pela bolsa de iniciação científica PIBIC/CNPq.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Trad. Erika Barbosa (Conferência anual do Ted Global 2009, de 21 a 24 de julho, Oxford, Reino Unido). Disponível em: https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/?gclid=CjwKCAjw-dXaBRAEEiwAbwCi5vQUYk8_JeoykLYr7gI20FGAxPaGbGVJ_Uc2X-0UHPWMgOaW7D_YhoCxc0QAvD_BwE. Acesso em: 23/07/2018.

DOUBROVSKY, S. *Fils: roman*. Paris: Éditions Galilée, 1977.

FAEDRICH, A. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira. Itinerários, Araraquara, n. 40, p. 45-60, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/8165/5547>. Acesso em: 28/04/2018.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: opção descolonial e o significado de identidade em política. Trad. Ângela Lopes Norte. *Cadernos de Letras da UFF* – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n° 34, p. 287-324, 2008.

Tabela 1. Antagonismos existentes no romance *Hibisco Roxo*, de Chimamanda Ngozi Adichie.

O espaço	Enugu / Abba	Nsukka
A casa	Rica	Pobre



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

A organização familiar	Pai/mãe/2 filhos	Mãe/3 filhos
Os ancestrais	Avô cristão	Avô tradicionalista
A religião	Cristã católica: Padre Benedict	Cristã/tradicionalista: Padre Amadi
A profissão	Empresário	Professora universitária
A educação	Colégios particulares	Universidade pública pobre
A alimentação	Farta e variada	Racionada e avariada
A Língua	Inglês	Igbo
Comportamentos	Silêncio	Fala
	Seriedade	Riso
	Violência	Liberdade
Vestuário	Roupas conservadoras	Roupas atuais
Cabelos	Trançados	Curtos
As metáforas	Hibisco vermelho	Hibisco roxo
Nomes	Cristão	Nigeriano
Personagens	Eugene	Ifediora (morto)
	Avô cristão	Avô tradicionalista (papa-Nnukwu);
	Beatrice	Ifeoma
	Kambili	Amaka
	Jaja	Obiora
	Abortos	Chima